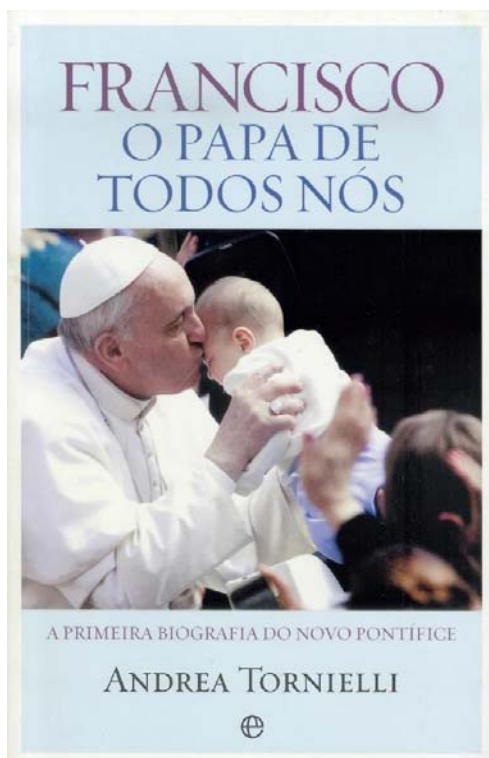


## O faz correr o Papa Francisco?

Mário Beja Santos<sup>1</sup>



O livro chama-se *Francisco, o Papa de todos nós*, por Andrea Tornielli (A Esfera dos Livros, 2013). O autor é especialista em assuntos do Vaticano e acompanhou de perto os acontecimentos que levaram ao pontificado Jorge Mario Bergoglio, então cardeal de Buenos Aires. Na imprensa mundial, ao tempo, o cardeal Bergoglio não fazia parte dos “papabili”. Era sabido, e corria mundo, que o cardeal argentino impressionava pela sua simplicidade, uma bonomia sincera, a profundidade do seu olhar de fé, a sua atenção constante com os mais carenciados. Mas parecia não estar fadado para ser o impulsionador das transformações previstas pela renúncia de Bento XVI: simplificação, transparência e moralidade da Cúria, incluindo os negócios vaticanos; dar uma resposta inequívoca e surpreendente ao vendaval que assola o catolicismo e a sua prática e encontrar respostas indutoras para a captação de fiéis numa

sociedade em que o consumo sobreleva a ética cristã.

Na noite de 13 de Março, o Papa Francisco, um arcebispo jesuíta descendente de uma família de emigrantes do Piemonte apresenta-se ao mundo com uma comunicação diferente, não ostenta a murça vermelha orlada de arminho, mantém uma cruz peitoral de prata, descobrir-se-á que usa sapatos pretos, recorda o Papa que renunciou, fala como bispo de Roma, põs as pessoas a rezar as orações mais utilizadas na fé cristã, faz um apelo à multidão para rezarem para que haja uma grande fraternidade. São gestos insólitos que dão que pensar. Janta com os cardeais que o elegeram, faz telefonemas, começando pelo Papa emérito Bento XVI, telefona para a casa do clero onde se hospedara informando que passa por lá no dia seguinte para ir buscar as coisas e pagar a conta. Começam-se a pesquisar os comportamentos desta figura inusual de purpurado, alguém que recusa limusina e escolta, que não tem secretário, que irá recusar os aposentos pontifícios.

A pretexto de Francisco ser o primeiro Papa da história da Igreja a ser eleito sucessor de um pontífice demissionário por motivos de velhice, Andrea Tornielli dá-nos uma sequência de situações análogas, que são desconhecidas do grande público, chegamos mesmo a João Paulo II que chegou a admitir a renúncia exatamente por motivos de saúde.

E voltamos ao contexto da eleição pontifícia, Bento XVI está frágil, quem sabe se refém de convenções e preconceitos, há escândalos por toda a parte, o Vaticano saiu-se muito mal com o escândalo Vatileaks (fuga e difusão dos documentos reservados subtraídos da secretaria papal), fala-se cada vez mais nos investimentos financeiros do Vaticano e até do episódio ainda obscuro do afastamento do presidente. Os dias de conclave, escreve o

<sup>1</sup> Autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

autor, decorrem com declarações sobre as ameaças e riscos que corre a Igreja Católica, reclama-se um pastor, um evangelista, alguém que reinstale uma grande esperança na comunidade internacional, que tenha coração generoso e segui pela misericórdia. Mais tarde, perante os jornalistas, Francisco justificará a escolha do nome do santo que amava tão profundamente a natureza: no momento em que se aproximava a sua confirmação para o trono de São Pedro, a seu lado, o cardeal emérito de São Paulo disse a Jorge Mario Bergoglio: “Lembra-te dos pobres”.

Seguem-se os dados biográficos mais relevantes do novo Papa, a descoberta da vocação, as polémicas à volta do seu comportamento no tempo da ditadura do general Videla, como vivia o cardeal de Buenos Aires, o seu pensamento religioso: considera um erro a clericalização dos leigos; acredita na Igreja do povo, a Igreja que facilita a fé das pessoas em vez de a regulamentar, a alegria em ser cristão. Escreve o autor: «Para Bergoglio, a Igreja não pode ser elitista. E também não pode existir uma Igreja pura, de minorias, contraposta à Igreja de massas, povoada por aquele grande número de pessoas para as quais o cristianismo é feito de poucas coisas elementares, de poucas práticas essenciais. O novo papa não concorda com os rigoristas que recusam o batismo e os outros sacramentos àqueles que os pedem, mas que são considerados não idóneos por não serem praticantes». Ficará conhecido como o Cardinal que celebrou missas nos bairros da lata, entre desempregados, pobres e doentes. Indispõe o poder político, quando diz sem papas na língua: “*Em Buenos Aires, a escravidão não foi abolida. Aqui há ainda quem trabalhe como trabalhavam os escravos*”. Critica o imperialismo do dinheiro. Na Argentina em que a classe dirigente se encontrava em total descrédito, o futuro Papa precisava:

«Há que reivindicar a importância da política, apesar dos políticos a terem descredito, porque, como dizia Paulo VI, ela pode ser uma das formas mais elevadas da caridade. No nosso País, por exemplo, a mentalidade funcionalista ligada ao modelo económico imperante fez as suas experiências nos dois extremos da vida, as crianças e os anciãos, as duas faixas etárias mais afetadas pela crise, provocando efeitos devastadores no campo da educação, da sanidade e da assistência social. E um povo que não cuida das suas crianças e dos seus anciãos não tem esperança»

Um livro como Andrea Tornielli escreveu, em cima de um acontecimento tão surpreendente como a eleição do Papa Francisco, não pode responder com qualquer rigor àquilo que será o seu pontificado. O Papa Francisco está a dar inequívocos sinais de mudança. Que é popular e amado, basta pensar o que foi a sua viagem ao Rio de Janeiro. É acolhido com entusiasmo mesmo por aqueles que nunca fizeram a experiência da vida de fé. Não vale a pena profetizar até onde vai reformar a Cúria, fazer triunfar a simplicidade evangélica, lidar com a união de pessoas do mesmo sexo, prolongar o diálogo entre as igrejas (aqui já deu sinais inconfundíveis com a Igreja Ortodoxa e os judeus). É extremamente franco: «O cristianismo condena com a mesma força quer o comunismo quer o capitalismo selvagem. Um exemplo claro é o que acontece com o dinheiro transferido para o estrangeiro. O dinheiro tem uma pátria e quem pega na riqueza que é produzida num país para levá-la para outro lugar peca, por quanto não honra o país que produz essa riqueza nem o povo que trabalha para gerá-la». É um Papa que vem da América Latina, onde vive a maioria dos católicos, tem uma nítida perceção da pobreza, do caudilhismo, da brutalidade, das desigualdades sociais. É contra a Igreja permanecer fechada em si mesma,

autorreferencial. E diz o que pensa: «Entre uma Igreja que sai para a rua e tem um acidente, e uma Igreja doente de autorreferencialidade, não tenho dúvidas que prefiro a primeira». Abomina a mundanidade espiritual, o carreirismo. São simples indicadores, dirá o leitor. Meio ano depois da sua eleição, consegue manter todas as suas esperanças intactas. É raro conseguir-se tal capital espiritual. É preciso ver-se ao espelho como um humilde servo da prática do amor para gerar uma tão dilatada confiança.